



Caderno 2 - O Voo da Alma Dançante

Maria Alice Poppe



Fábulas de um corpo que dança

Os escritos e as imagens desse caderno são formulações que buscam traduzir o que, no fundo, não pode ser traduzido de forma objetiva: as paisagens internas de um corpo que dança. Trata-se, portanto, de um exercício cartográfico a partir de paisagens imaginárias.

O CORPO IMAGINADO
em busca de uma cartografia do espaço interior

Maria Alice Poppe

Caderno 2 - O Voo da Alma Dançante -

Rio de Janeiro
2014

Retomando a reflexão de Vilém Flusser sobre a gênese da imaginação:

... “imaginação” é a singular capacidade de distanciamento do mundo dos objetos e de recuo para a subjetividade própria, é a capacidade de se tornar sujeito de um mundo objetivo. Ou ainda, é a singular capacidade de ex-sistir em vez de in-sistir. Esse gesto começa, digamos, com um movimento de abstração, de afastamento-de-si, de recuo. (FLUSSER, 2007, p. 163)



O recuo para a subjetividade própria apresentado por Flusser remete diretamente ao que, a partir da auto-observação, da prática pedagógica e de reflexões sobre o corpo e a dança, evoco nas linhas que se seguem como o sonho do voo da alma dançante. Trata-se, então, de uma tentativa, consciente de sua precariedade, de descrever com palavras algo que é próprio da subjetividade que permeia o trânsito entre o movimento imaginado e o movimento dançado.

As paisagens internas, expressas na sua maioria em estruturas não discursivas, foram deflagradas em diferentes contextos. Algumas surgiram no próprio momento da dança, enquanto outras, em reflexões posteriores a vários desses momentos, assim como do conjunto de experimentos propostos na pesquisa. Em LINHAS DE FLUXO e LINHAS CRUZADAS, a minha subjetividade é atravessada pela subjetividade de outros parceiros. No seu conjunto, com um movimento de abstração, a escrita surge do gesto que se rompe, que abre fendas e que não indica o seu fim, o seu começo nem, tampouco, a sua forma.



O Voo da Alma Dançante aspira ao estado descrito nas últimas frases de *A Alma e a Dança* de Paul Valéry, nas quais a dançarina Athikté, que representa a incorporação do espírito da Dança, é indagada por Erixímaco e Sócrates a respeito de seu estado no momento da dança:

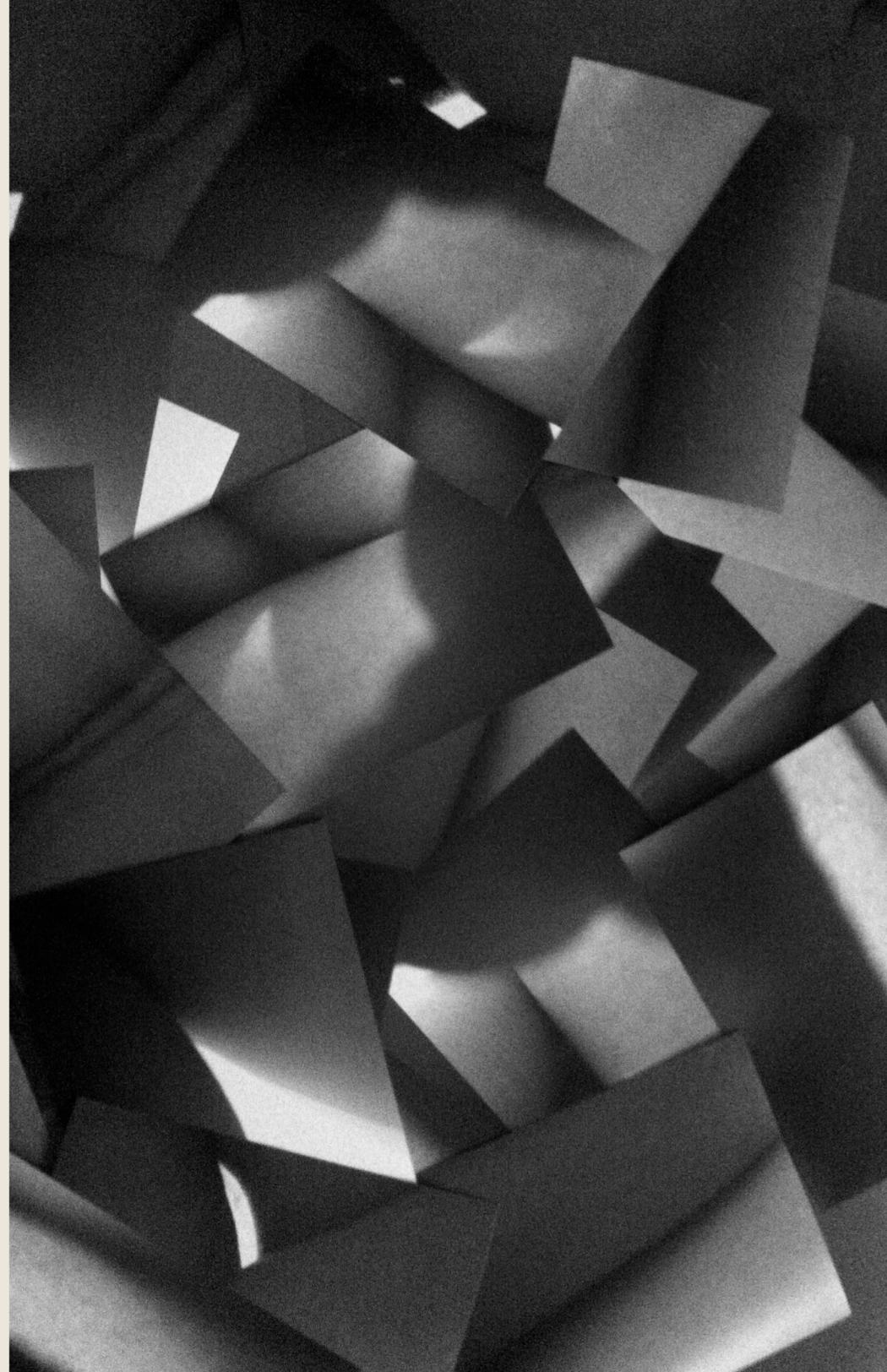
Erixímaco: – Então, menina, vamos abrir os olhos. Como te sentes agora?

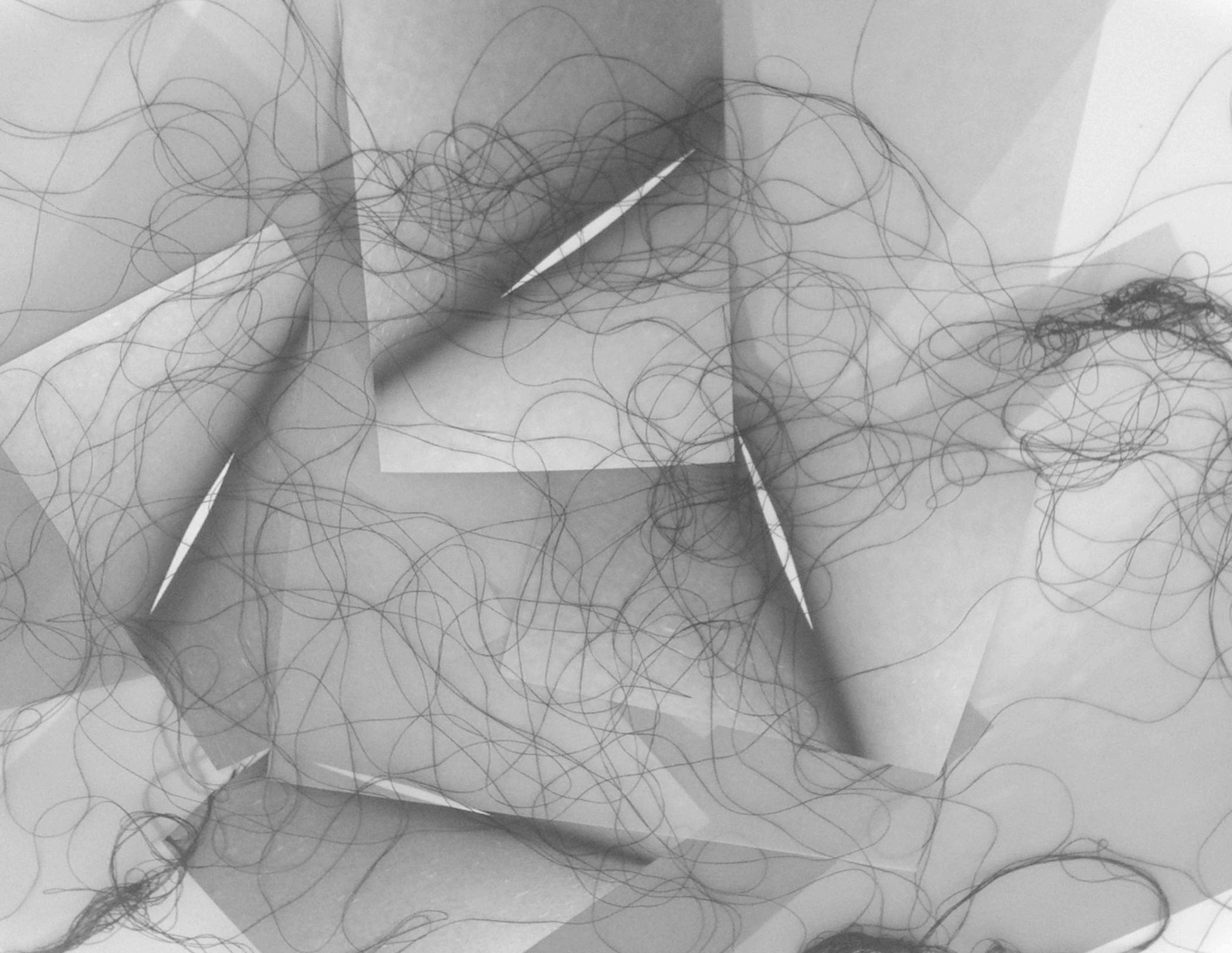
Athikté: - Não sinto nada. Não estou morta. E contudo, não estou viva!

Sócrates: - De onde voltas?

Athikté: - Asilo, asilo, ó meu asilo, Turbilhão! – Eu estava em ti, ó movimento, e fora de todas as coisas...

(VALÉRY, 1996, pg. 68)





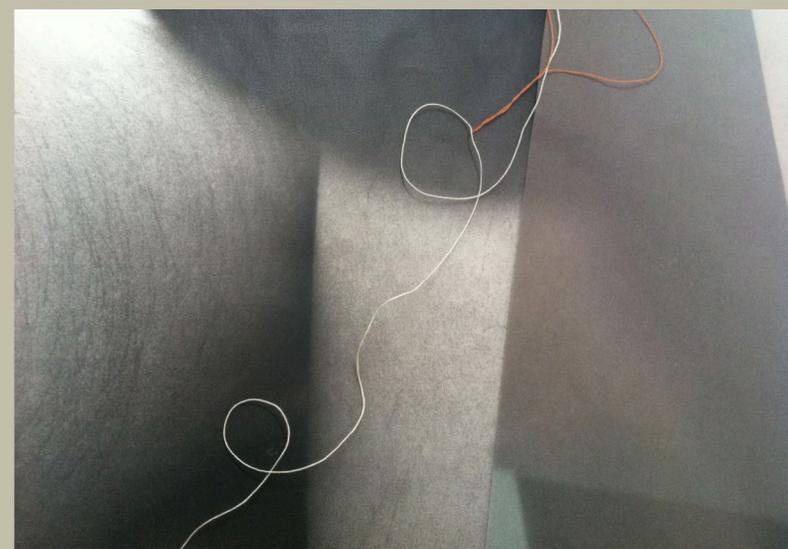


LINHAS IMAGINÁRIAS

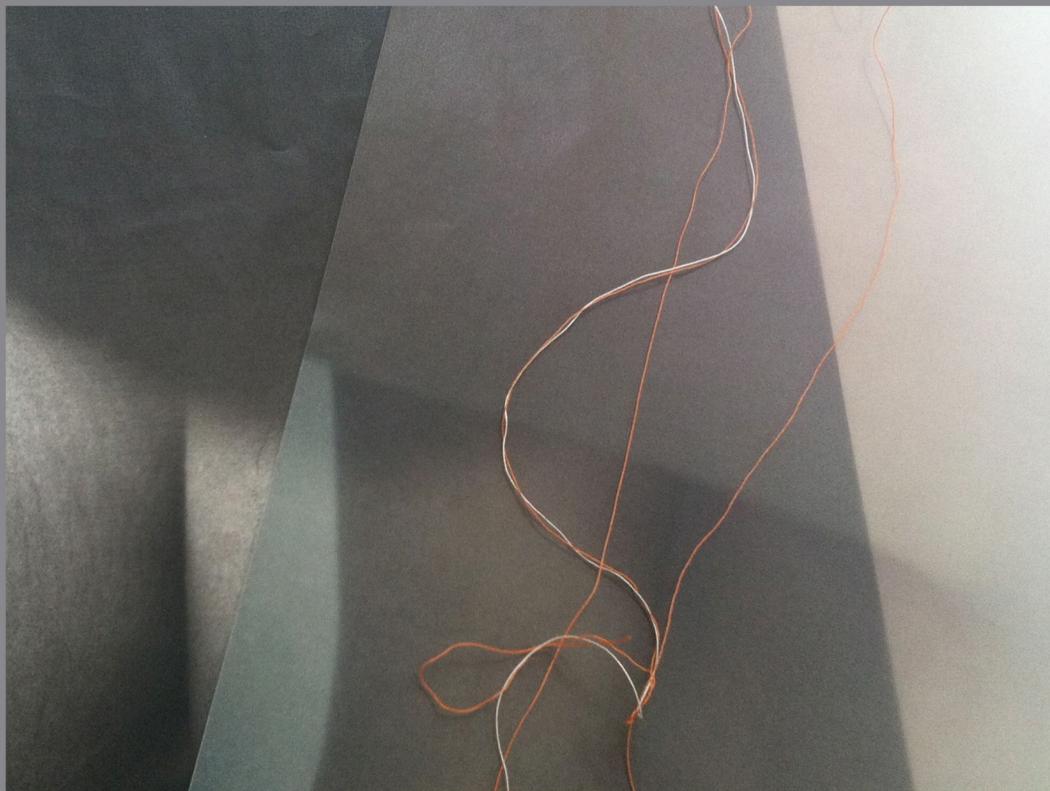
#. Rastros de movimento, traços de intensidade, o corpo imaginado imaginando

#. Uma linha que costura o corpo, que costura o espaço, desenhos que se formam no corpo e no espaço e seguem deformando, formando outras linhas que pincelam, riscam, rasgam, torneiam, criando rabiscos, esboços, traçados que não se fixam e sempre se transformam, como nuvens

#. Adentrar esse espaço é cair e quando o chão lhe faltar ser imediatamente tragado para não-lugares, abismos profundos, buracos sem fim. Penso que o tempo desse espaço é o do corpo, da memória gravada como corpo, modulada por uma presença pálida, quase ausente









A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado.
Manoel de Barros



Linhas que formam um espaço de não-lugares.
Uma imprecisão suave –

#. A orelha flana pelo espaço e, em uma escuta desfocada, abre espaços transparentes, paisagens aéreas, linhas imaginárias

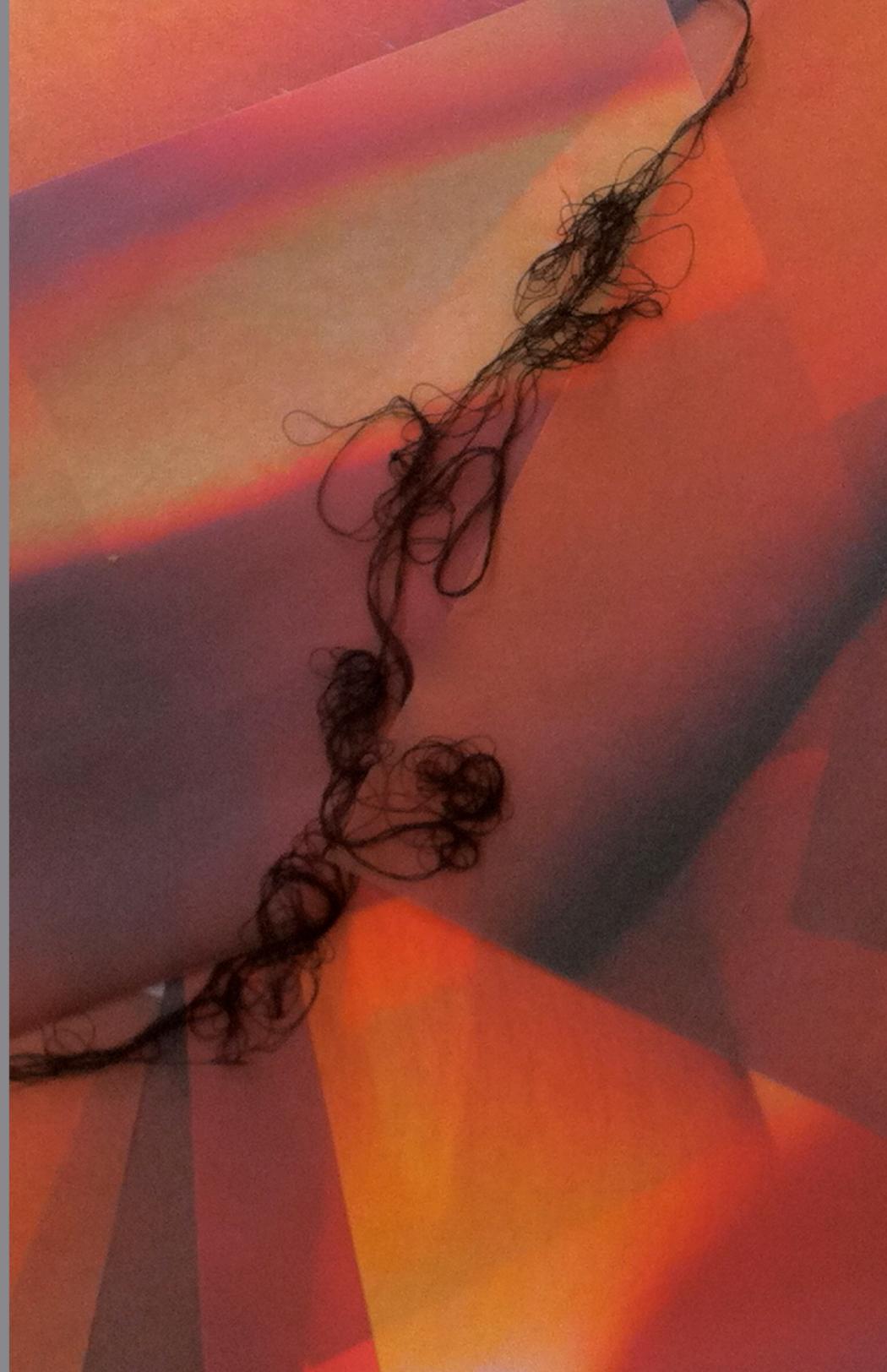
Aglomerados de átomos da paisagem sonora infinita, desenham linhas que deflagram a conexão limpa com aquele corpo pousado, imaculado

A linha hesita, dança e percorre o silêncio da alma em um instante qualquer e, brincando de cisne, imagina o som do lago que nasce na nota empurrada pelo dedo, fazendo-o vibrar

A imagem inerte da dobra se anima e se enche do vazio de som, reverberando na pele úmida a vibração do traço esboçado; apaga, renasce e infla o reservatório do espírito, quase branco, aspirando à concavidade do céu azul

Do cisne surgem duas cobras entrelaçadas que se confundem em suas curvas finas e cintilam os trilhos caóticos, comungando o tempo urgente e apagando o movimento do presente

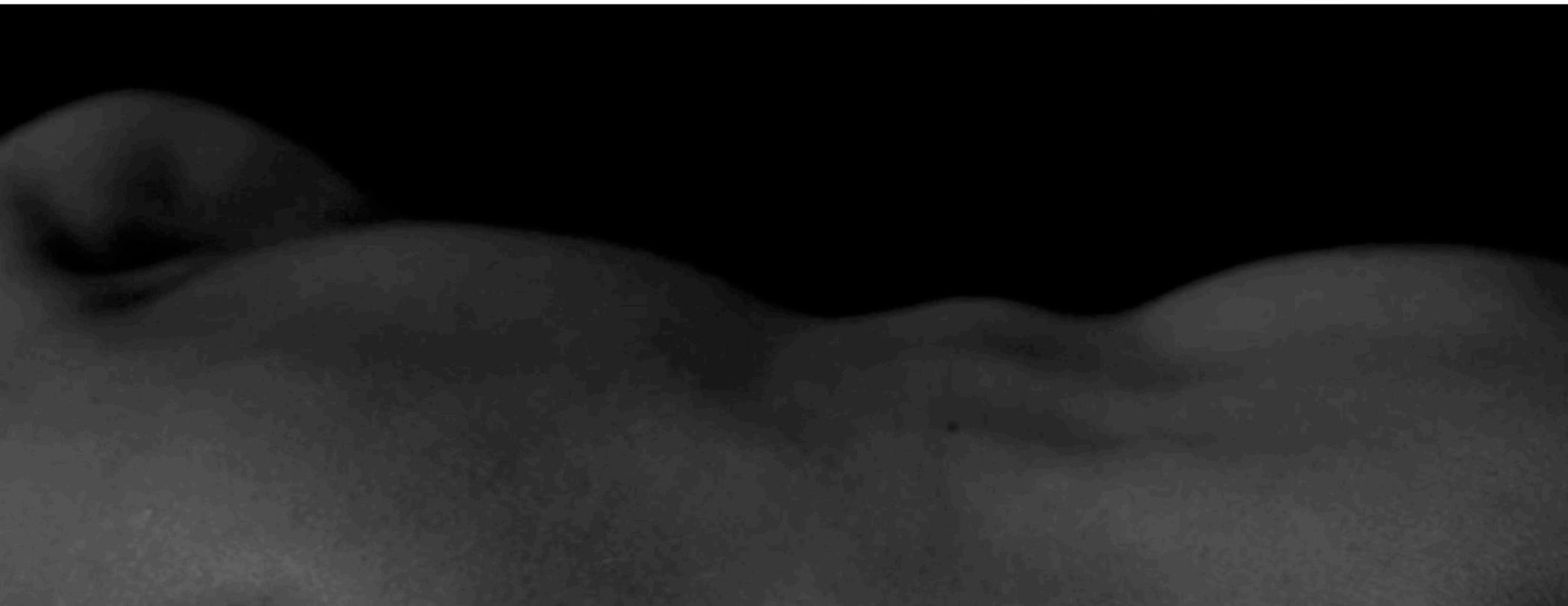
Das cobras à eternidade das formas impossíveis que pingam o espaço infinito desse corpo pousado na pele do ar, sonhado pelo contorno da dançarina



Construção: dança dos ossos

Abandono o fazer, isolo uma parte, movo pelo osso, peso.

O ar entra nas articulações, nos dedos das mãos.
Espaços articulares,
mobilidade,
limpo poeiras em superfícies invisíveis.



Formas de fluxo, o próprio mover gera sentido a cada instante, o movimento está mais vivo
Eu, mais leve.

Me jogo no desconhecido como um barco no oceano, errante. Me equilíbrio no desequilíbrio, peso para me tornar leve, me estabilizo para entrar no movimento, sou impulsionada do interior até perfurar o exterior, deixando-me arrastar pela corrente do movimento.

A palavra acena. Blanchot propõe uma autonomia da palavra, eu penso na do movimento, na violência que é se mover sem a certeza de seu fim. O movimento como uma escrita. Não induzo o que vou escrever. Escuto. Do ritmo interno, aflora aquela que nunca esperei, uma forma breve. Sem dar continuidade surge uma nova indicação. Linguagem ou solidão? Uma experiência de criação.
Esse jogo insensato de escrever, de mover
A palavra está mais viva
eu, mais fluida.

Esqueleto inanimado animado

Imagens mentais, penso o movimento porvir; movimento do pensamento que, ao girar, inaugura o espaço nunca vivido. Todos os movimentos são possíveis: o do corpo e o do pensamento. Como traduzir os movimentos da alma? A alma inspirada se anima e impulsiona escapula, acrômio e clavícula ao flerte com o espaço. No alto de suas topografias imaginárias, as asas libertas contaminam o ar com suas penugens delicadas. Deslizam pelas superfícies, acariciam as arestas e se arredondam na espiral do pensamento do movimento. O grafismo da alma se traduz em movimentos, errantes. A arquitetura do corpo não é mais feita de ossos e músculos mas de linhas móveis como nas marionetes.

#. O avesso do corpo me desconcerta. No tremor da pele intensifico a passagem do exterior para o interior. De dentro das paredes do meu corpo sinto um espaço vazio, amplo, um espaço sem latitude, maleável, esburacado, poroso. Na dobra da pele carrego memórias antigas, formas vividas na iminência de serem apagadas. O fluxo do pensamento se mistura com o fluxo do movimento. No maravilhamento dessa paisagem saio de mim e no desequilíbrio, esqueço o movimento que acabo de fazer.

O silêncio que fala

Entro na solidão, me ultrapasso, saio de mim. Na pausa me encontro. Tudo pássaros. Cantos. Sons de fora e de dentro. Da alma estudo os caminhos, cai a vassoura e me esqueço. Todas as coisas pedem para serem escutadas e olhadas. Sons curtos, beleza estreita, memórias guardadas, longe. Configuro as nuvens ventadas pelo pensamento.

Pele que habito

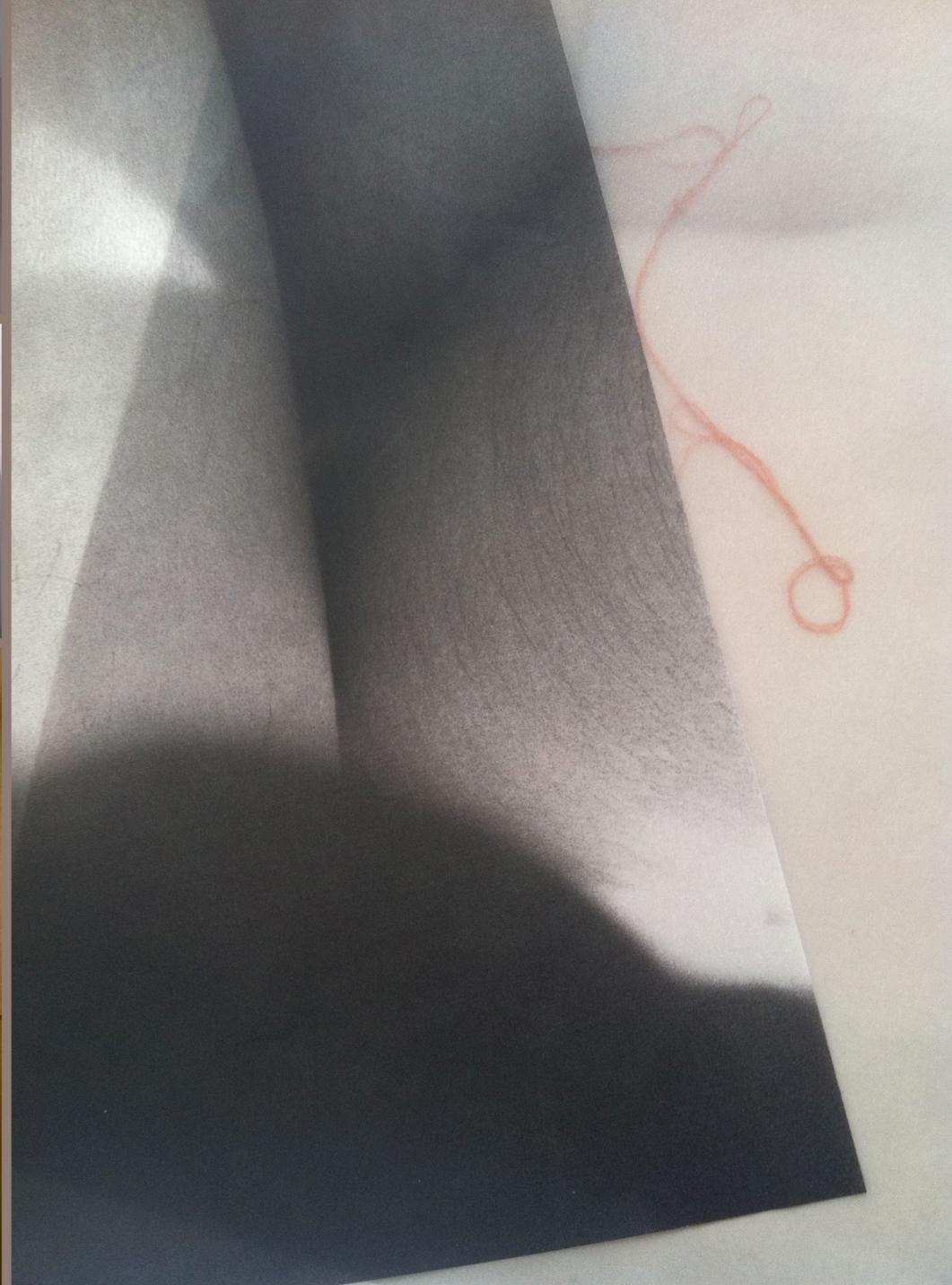
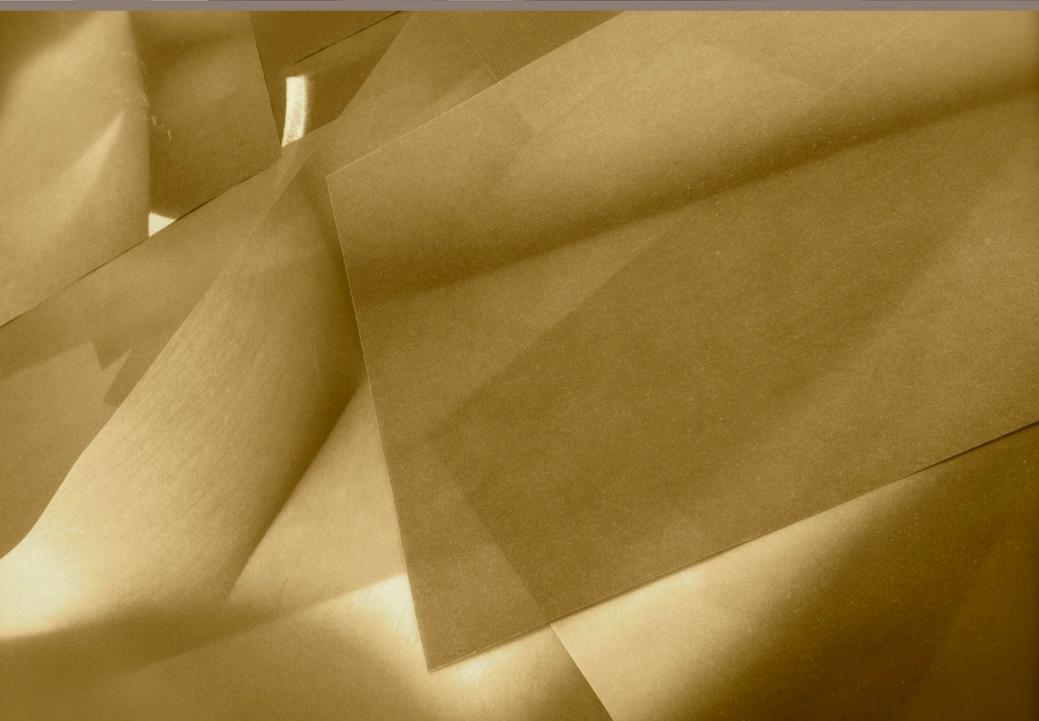
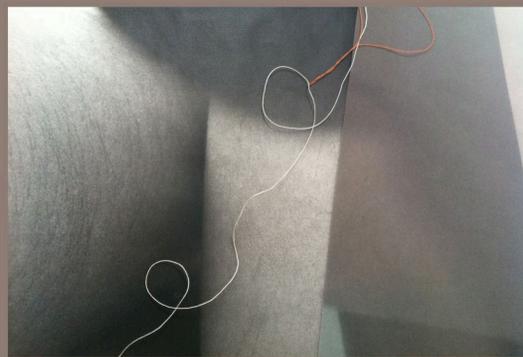
Visto o movimento na minha medida, arredondo as arestas, tiro os ruídos para que eu não disperse pelo molde do outro.

Devo começar do meu desaparecimento, da minha quase ausência. Apago uma imagem que acaba de passar.

O meu corpo é uma nebulosa.

A luz leitosa dos nervos, o brilho da carne e o branco entumecido dos ossos bebem da alma silenciosa que vaga pelo ar. Na noite lenta as paisagens transparentes entram e saem pela pele estrelada das vísceras. Tudo céu. Tudo corpo. Tudo nuvens.

Gente é como nuvem, sempre se transforma, já disse Angel.



LINHAS DE SENSAÇÃO

Eu a toquei, toquei seu rosto. Isso significa que a olhei de perto. Para vocês que enxergam eu a toquei mas para mim, que sou cego, eu a olhei de perto.

EVGEN BAVCAR

Olhar perto, espaço apertado, aproximações do corpo, toques, pausa, auto carícia, aconchego, galhos nos dedos, raízes nos pés, dissolução, mistério, provocação, o corpo apoia. Um caminhar silencioso. O olhar pergunta, cruza o espaço, observa. Núcleo. Desenhos se formam, tremiliques, pequenos gestos circulam, correm, ventam e se soltam no espaço. Recomeço...

Desenhos de oito surgem das mãos leves que penetram suavemente o espaço ao redor. Como penas, os dedos ventam no ar e saboreiam o espaço. O espaço se corporifica como um veludo que com sua maciez acaricia a pele e fissa o centro do corpo como um ímã. Tudo no corpo é tomado por essa densidade do espaço aveludado, denso e o corpo todo rodopia em traçados torcidos e infinitos.

Desfaço-me do primeiro gesto. Na perda, embaralho as minhas sensações. Saio da lógica e esvazio. O oco do corpo silencia a alma, faz parar o que nunca é parado, faz-se ouvir e, acalma as formas. O areado da alma cria buracos fundos e infla. Tenho a sensação dos vazios. Não sei para onde ir, não me aflijo, quero ir ao encontro dessas sensações.

Escuto o som da pele

As linhas se cruzam e remexem-se violentamente, formam-se, assim, nós invisíveis, mas eu os posso ver. Toco-os com a ponta dos meus olhos de dentro. Voo pelo ar das minhas sensações e sigo o último traço riscado por minha alma dançante.

Esfarelar-se

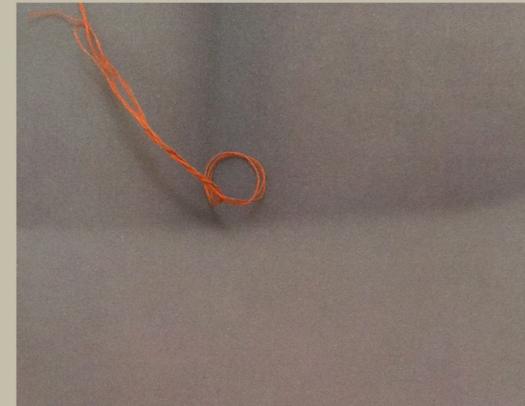
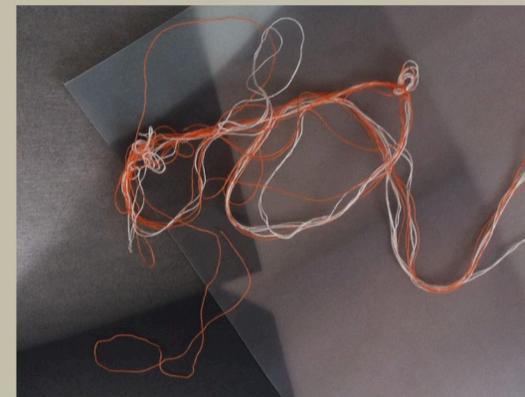
Corpo pesado latejante, presente,

ausente,
some do pensamento e surge no espaçamento da alma perene,
crescente.

O folículo da pestana pousa no rosto.
Desprezo o que sugere meu pensamento.

O esqueleto se desfaz,
o pé vira pó
a mão, pensamento.

Resíduos dançam pelo chão de vento



LINHAS ÍNTIMAS

Se vou todos os dias pelo mesmo caminho, não olho para mais nada, não presto atenção em mim ou no ambiente. Mas se penetro numa rua desconhecida, começo a perceber as janelas, os buracos no chão, despertando para as pessoas que passam, os odores, os sons.

KLAUSS VIANNA

Quando pequena admirava as janelas dos vizinhos. Eu não estava interessada na superfície dos vidros ou mesmo na geometria de suas esquadrias, o que me entretinha ali era a arquitetura espacial, interna daquelas casas e como se moldava cada espaço. Imaginava o que poderia estar naqueles espaços e de que forma os objetos se configuravam. Saltava aos meus olhos quando surgia uma luz que, por mais fina que fosse, criava um rastro no chão e traçava uma linha naquele quadrado de sala. Elaborava situações que preenchiam os vazios deixados entre os sofás, a cômoda e as cadeiras e me entregava àquele espaço como se eu fosse uma boneca. Lembro-me da minha casinha de bonecas, com dois andares, que tinha escadinhas ligando os ambientes. Lembro-me também, como me sentia plena ao manipular os objetos, mudando-os de lugar. Olhando através dos vidros, não estava mais ali a manusear objetos configurando desenhos reais em miniatura, mas criando mentalmente aquelas dobras, esquinas e superfícies, imaginando o que poderia surgir e imediatamente sumir no espaço interno de uma casa imaginada.

Imaginando a casa imaginada.

Traçados tão nítidos mas, no instante seguinte já eram levemente apagados e transformados em outros traços, linhas na iminência de desaparecer. O presente se torna o desenho da linha que acaba de desvanecer. O corpo da casa do outro nunca se revela e, mesmo que se insinue por um instante qualquer, se extingue no instante privilegiado do meu olhar.

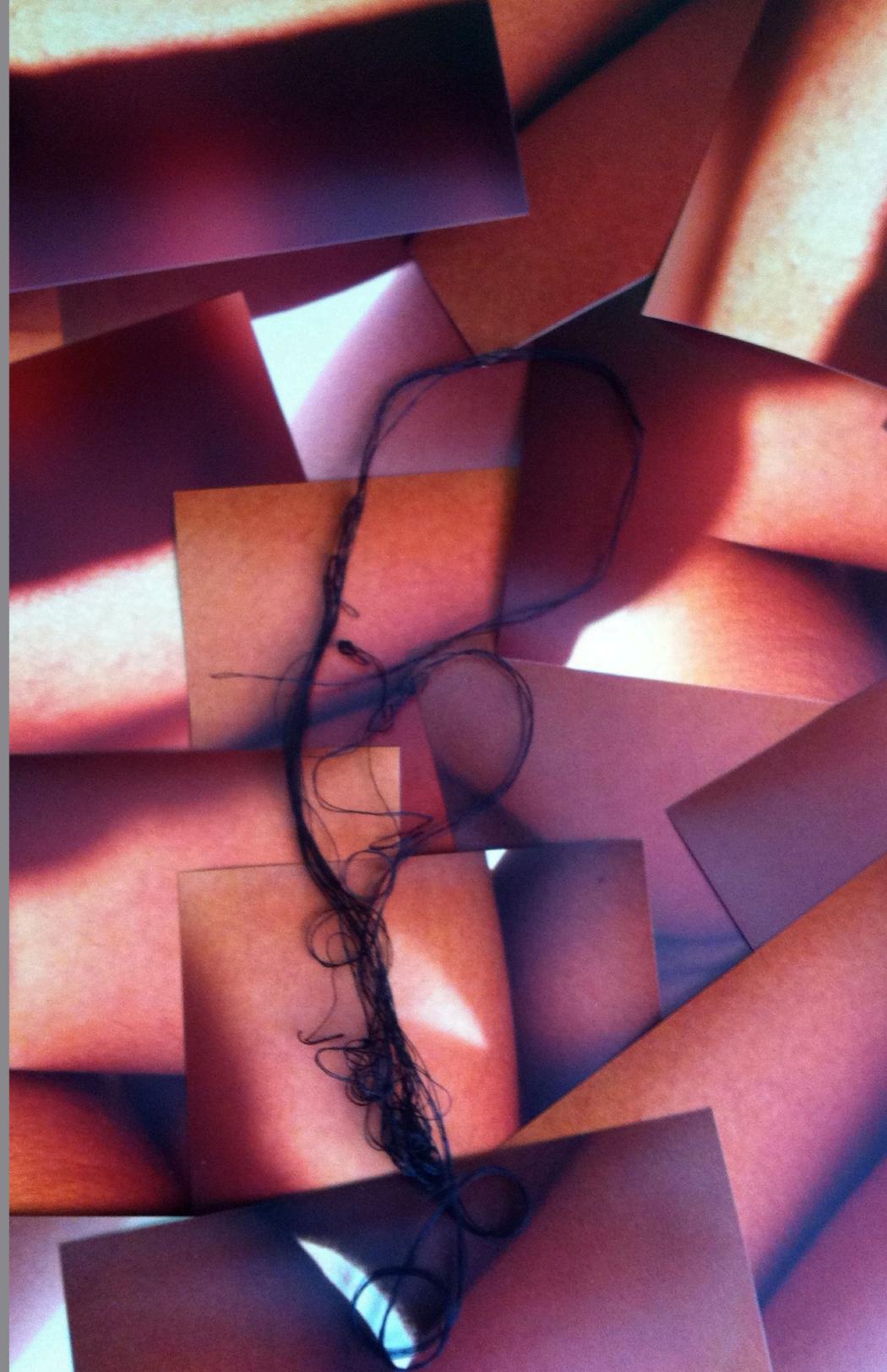
Desde os doze anos de idade, quando frequentava diariamente aulas de balé clássico e também de dança moderna, era atravessada por inquietações relativas à formalização do movimento na dança. Percebia em mim uma falta. Saía das aulas desejosa de um ar, de uma vida no movimento. Incomodavam-me as formas rígidas e fechadas nelas mesmas. Só mais tarde, na Escola Angel Vianna, pude finalmente ter acesso a uma forma de dança despida de modelos e aberta à experimentação. Nesse ambiente iniciei um processo, muito caro na minha trajetória, uma forma de conhecimento, ligada à experiência direta com o meu corpo e com o movimento. A consciência do movimento me invadiu; como uma abertura para o espaço do corpo, infinito e em constante expansão. Essa foi a fonte do meu caminho na dança que, desde então, tem me levado cada vez mais ao lugar da “dança inconscientemente consciente”, força propulsora no processo de criação. Começava, ali, a lidar com a ausência da forma e com a escuridão do corpo.

Esta é minha sobrinha Veronica a quem fotografei em um campo que vira há muito tempo. Pedi a ela que corresse e dançasse. Ela usava um sininho, que eu escutava. Na verdade, fotografei o sininho, mas este não pode ser visto. Trata-se então, de uma fotografia do invisível.
(BAVCAR, 2002)

LINHAS DE FLUXO*

Só quando descubro a gravidade, o chão, abre espaço para que o movimento crie raízes, seja mais profundo, como uma planta que só cresce a partir do contato íntimo com o solo. Só dessa forma surge a oposição, a resistência que vai abrindo espaço entre os ossos, seguindo sua direção nas articulações. À medida que vou sentindo o solo, empurrando o chão, abro espaço para minhas projeções internas, individuais, que à medida que se expandem, me obrigam a uma projeção para o exterior.

KLAUSS VIANNA



30/05/2011 - Renata

Mão solta, mão morta. Energia dissolvida. Superfícies? Direcionamentos? Quebras, rascunhos, dissoluções das partes. Esvaziamento de si mesmo, esfarelamento das formas definidas, nascidas pela extremidade. O encontro do centro é o encontro do outro, o outro movimento, outro caminho, outro de mim mesmo, anestesiado.

31/05/2011 - Marina

Cheguei no Fundão contemplativa. Nossos começos tem sido com uma atenção maior no "observar". Contemplava meu corpo "de dentro", e também o visualizava como se o estivesse vendo de cima. Fomos conduzidas a pressionar isoladamente partes do corpo que tocam o chão.

Essas pressões, me fizeram pensar sobre a minha percepção sobre pressão. O corpo (antes do pensamento) foi me mostrando que não era exatamente esforço, mas uma aderência, uma entrega mais profunda ao chão que me promovia solturas e pressões e que faziam-me alcançar uma projeção do corpo, sem necessariamente me desgastar em um mundo mínimo, de percepções sensíveis. Após esse início gravei palavras-chave, frases que guiaram minha memória... Localização das superfícies / maior entendimento das linhas, planos e eixos (especialmente das linhas que começam na parte posterior do meu corpo).

Pressões intensas conduzidas no tempo lento. O fluxo se cortava e reverberava para o espaço.

Lideranças – a liderança se concentra muito nas periferias, braços principalmente, ratificando minha necessidade de trabalhar mais a mobilidade da minha coluna.

Depois, conscientizada das lideranças, minhas experiências de soltura de bacia e das pernas me impulsionaram a outras movimentações e direções, com menos ruídos e interrupções no movimento.

01/06/2011 - Renata

Do estado de tensão ao esvaziamento. Isolamento das partes. Incômodo com o próprio corpo.

Dores laterais, dores no metatarso, dores entre o calcâneo e o metatarso, dor sentida de outra forma ... a dor do osso.

02/06/2011 - Camilla

O corpo ficou pesado, relaxado, preenchido, pressionando várias partes do corpo no chão. A tensão dos ombros e da cervical permaneceu. Pressionar uma parte do corpo no chão provocava tensões em outras partes. Esta pressão colocada no chão com deslocamento dificultou a visualização da linha. O movimento, iniciado com determinada parte do corpo, parecia não ser liderado por esta, pois outras partes se moviam ao mesmo tempo. Ficando um tempo com o foco nos planos, esqueleto, articulações, com variação no tamanho do movimento e dinâmica, as costas e as mãos foram estimuladas, percebidas.

05/06/2011 - Janine

As principais dificuldades percebidas na aula foram em relação à fazer e ao mesmo tempo pensar qual era a parte do corpo que liderava o movimento. Em alguns momentos ocorriam pequenas quebras do fluxo, provavelmente ocasionadas por tentar apenas pensar, o fazer ficava comprometido. Em relação à aderência do corpo no chão, a tendência era de que a movimentação acelerasse. De vez em quando ocorriam tensões desnecessárias que resultavam em um "endurecimento" das articulações, como se faltasse um "arzinho" nelas, ocasionando a perda do fluxo no movimento.

06/06/2011 - Renata

galhos de árvore, ar sobre os dedos, ar dentro do corpo, coluna dissolvida. Tantas imagens, que esse corpo se confunde com o seu fluxo ... o corpo precisa ser rascunho...o corpo é imagem em dobradiças ...o corpo tem que se disponibilizar para a irresponsabilidade, se disponibilizar sobretudo a outras cores e outros tons, muitas vezes compreendidos como ordem... o corpo precisa da desordem, do precário, das coisas simples, ele precisa também de silêncio para descobrir que ele é ele mesmo. O corpo precisa ser criança e sujar os cadernos ...

14/06/2011 – Hágata

Perceber a mobilidade, isolamento e amplitude das escápulas no movimento foi uma experiência de relaxamento.

08/06/2011 - Renata

Avalanches sonoras de coisas imóveis em movimento ... o corpo se abre para escuta

... fragmentos de como o corpo se comporta diante das intervenções do outro. Fragmentos, separação do corpo, ou melhor, separação das partes do corpo, separação entre cabeça e ombro, separação entre cabeça e escápula, separação entre cabeça e bacia, separação entre cabeça e outras partes ... separação que me leva a outros movimentos, separação que me divide entre quem eu sou (fluxo, fluxo, fluxo) ou a necessidade que tenho em ser fluxo constante, em querer sempre ser o fluxo. Corpo em bloco, fragmento. Caos. Eu talvez seja só um corpo, passando a se encontrar, faxinando seu corpo casa ... desmantelado, o corpo é frágil.

Em um dia em que das minhas escápidas nasceram árvores, do meu silêncio nasceram sonhos, da dança que não pode ser nunca separada da vida...

18/06/2011- Camilla

Com o trabalho das partes isoladas tenho uma sensação de energia diferente, circulante pelo corpo. Ela está contida em todo o corpo, muito presente, vibrante, com muita força para sair, mas permanece interna, não explode para fora. Não sei o porquê.

Consegui senti-la, percebê-la. A sensação é a de vibração de moléculas agrupadas. Os estímulos ao mover uma parte e depois a outra, provoca uma vontade de que mais partes, uma atrás da outra, se movam. A energia fica presa, intensa.

Uma coisa que já vem acontecendo há algum tempo, é que quando estou caminhando na rua, fico pensando nas mobilidades articulares, principalmente na coxofemural.

Pensando no esqueleto e não na força muscular, sinto meu corpo mais leve. Na quarta passada, quando trabalhamos o deslocamento a partir de partes isoladas do corpo, ao deitarmos no final sem mexer nada, foram vindo umas palavras em sequência:

desconcertada; construção; desconcertada, construção, desconcertada, construção; construção; alegria; flashes de articulações isoladas; alegria; fogos; no final fui sentindo os apoios, como no início do encontro.

15/06/2011 – Hágata

No meu corpo tenho buscado não forçar as formas como imagens fixas, mas sim o “entre”, aquele momento entre uma forma e outra, e ao mesmo tempo, sem perder as definições.

20/06/2011- Renata

A continuidade das linhas como um princípio de tudo, de como se deixar levar, o fluxo. A ideia de fluxo como saída da paralisia, a ideia do fluxo como linha.

Como não conduzir o tempo todo? Estudar o movimento como esboço, como rascunho, ter o movimento como uma dúvida.

21/06/2011 – Hágata

Tentei perceber a densidade no meu corpo. Essa densidade só me é clara em imagens, ainda não a sinto no corpo. Será que o peso poderia me ajudar?

15/08/2011 - Janine

Cortar o espaço, entrar no espaço. Qual é sua relação com o espaço? Passar por ele , sem ansiedade, deixando a energia do movimento ir para além do seu corpo. Sentir o espaço que existe ao seu redor. Como percebo esse espaço?

Não pensar apenas no começo e no fim do movimento. Saber aproveitar e desenvolver o meio deste pode torná-lo mais pleno. Aprendendo a descobrir a musculatura profunda, aquela que participa do “meio”.

20/08/2011 – Hágata

O fluxo como experiência do movimento, inerente á Vida. Percebe-lo (racionalmente) é viver o movimento no exato instante em que o mesmo acontece. Tensões espaciais, energia, respiração...

um acontecimento de vida em devir. Sensações indizíveis.

Fogos, Imagens que configuram sensações mas não a dizem. Perceber-se integrante do espaço. E ser gigante, molda-lo e ser moldada. Simultaneamente, pois o espaço que me cerca também sou eu.

13/09/2011 – Hágata

O movimento que penetra, e renova o corpo. Ele já não é o mesmo, não é outro, nem como o do outro. Deslizar e suas mil interpretações. Dominar não é o fim, nem mesmo o começo. O domínio do movimento envolve, cerca e retém. É um princípio e um fim em si próprio. Não permite relação. Ser penetrado pressupõe relacionar, ligar, unir, transformar. Mas quando esse movimento é penetrado de inconsciência ele desprende-se. Desprender-se, permite que o movimento passe por porosidades de inconsciência. E que esse mesmo movimento traga novas porosidades, que também não se finalizam. Porosidade de inconsciência... Uma rede de conexões penetrável, elástica, radiadora e pessoal. Expande-se, recolhe-se e cria outras porosidades a partir da relação com o movimento. O movimento é seu alimento. A pessoalidade talvez viva nas linhas da rede de porosidades. Não fixam-se, também são feitas de microporosidades, suas relações são mais densas, conflituosas... Dissolvem-se, criando outras porosidades mais fluídas, concentram-se, reforçando suas densidades, recobrando porosidades que já existiam.

19/09/2011 - Marina

“Acaso. Baixa velocidade do aparelho. Alta velocidade do corpo. Alargamento do tempo. Abertura para olhar sem pressa o tempo. Cliques rápidos e saltitados. Onde mais se revela as pessoas. Dança de perto. Captura do rastro. Deliciamento do tempo, da experiência, das possibilidades infinitas de chegar nos “entres” e que percorrem todo o caminho. Desenvolvimento, saboreamento do movimento como um todo. Textura de esboço (por uma captura despreziosa). Proposição via sensação, por estados”.

16/09/2011 - Janine

Conhecendo o corpo de dentro para fora. Entendendo a porosidade e densidade dos ossos, sua capacidade de absorver os impactos que o movimento pode gerar e sua rigidez que confere sustentação ao corpo como um todo. Entendendo onde estão os ossos, os seus diferentes cumprimentos e larguras, o seu peso. Entender onde existe intervalo entre os ossos, as articulações e a descoberta de suas mobilidades. Um corpo inteiro que pode ser fragmento, como uma imagem em dobradiças. A referência no corpo para depois chegar ao espaço. A partir do entendimento do direcionamento ósseo, as minhas superfícies começam a invadir as superfícies do espaço. Coincidem-se e confundem-se mas a percepção de onde estou permanece. A descoberta de cada articulação à partir de seus movimentos, isolados. Quais são os movimentos do ombro? Quais são os movimentos do braço? De onde partem os movimentos do braço? De onde partem os movimentos do ombro? E assim continuamente pelo corpo inteiro.

19/09/2011 - Renata

Onde se encontra a consciência do movimento ao mesmo tempo em que ele se deixa levar pelo inconsciente, pelo fluxo da movimentação, pela naturalidade das coisas? Muitas vezes, em uma proposta conduzida pelo outro, percorremos caminhos que nunca havíamos trilhado, o movimento se torna tão natural ... Isso nos faz acreditar que o pensamento não está ali, no movimento, que a intuição se coloca a frente da escolha, e a sensação a frente da percepção .

LINHAS CRUZADAS** —

...Ela cede, empresta e restitui a cadência tão exatamente, que se fecho os olhos, vejo-a exatamente pelo ouvido. Sigo-a, e reencontro-a, e jamais posso perdê-la; e se, de orelhas tapadas, eu a olho, tanto ela é música e ritmo, que me é impossível ficar surdo aos sons da cítara.

PAUL VALÉRY

A MÚSICA E A DANÇA

O público entra, se posiciona na sala de ensaio em um subsolo sem janelas. Sala grande, branca, seis pessoas estão sentadas em cadeiras, burburinho no ar. A dançarina, sem pressa, coloca a venda e começa a se mover. Em um instante qualquer coloco a venda no rosto e inicio um movimento sutil no centro do meu corpo. O silêncio ocupa a sala. Os movimentos de braços, cabeça e cintura são suaves, sinuosos mas os pés continuam fixos no chão. Eu não vejo nada mas sei que o músico está sentado de frente para o piano sem nenhum movimento. No momento em que se desloca para iniciar um primeiro giro, quando o meu pé sai do chão, desequilíbrio. No prolongamento do meu gesto, o músico se levanta. Apago as luzes da sala, apagam-se as luzes, que não tem janelas nem frestas. A escuridão é total. Silêncio e breu se confundem como tempo e espaço. A promessa de giro, subitamente apagado, continua infinitamente, em espiral eterna no espaço do pensamento. No escuro total me lanço no espaço como um pássaro na noite unânime de Borges. Agora dança-escuta, dança-tato, dança-olfato. Sei dela pelo som dos pés deslizando no chão, pelo roçar dos tecidos no movimento dos braços, pelo som da respiração, pelo calor do corpo que, Tateando o espaço, se aproxima, quase encosta. O ritmo do meu corpo se desdobra em deslizes dos pés que rastreiam infinitas vezes aquele chão. Começo a disparar uma lanterna em flashes rapidíssimos, apontando-a na direção onde suponho que ela esteja. É uma atitude de caça. Rastros de luz são percebidos pelo meu corpo sem que eu os veja: sinto o calor. Esses disparos capturam a dança em fotogramas aleatórios, poses estáticas, pequenos instantes privilegiados. A dança que conecta um fotograma a outro, o trilho de instantes quaisquer, são construções na imaginação

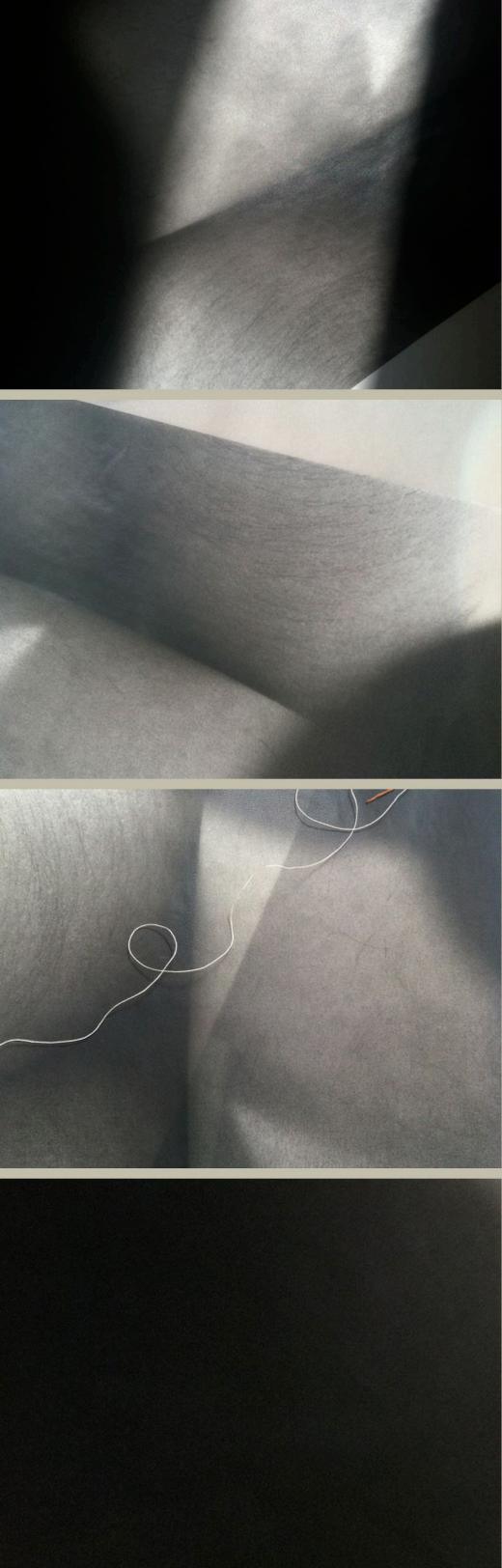
de quem (não) vê. O corpo é imaginado. Disparo o flash na ilusão de uma posição no espaço, de um presente que já é passado. A luz, apesar de mais rápida que o som, sempre chega atrasada. O corpo já deslizou para longe de onde acabou de ser ouvido. Disparo então a lanterna na direção de um futuro provável, de uma promessa de presença. Às vezes acerto, outras acerto o vazio. Não me (pre)ocupo de nada. Quando a encontro, a luz sobre a dançarina produz sombras na parede, o negativo dos fotogramas. Simplesmente danço. Corpos negros e altos que dançam uma dança idêntica à dela, como buracos negros com forma humana, danço da forma mais inconscientemente consciente possível, feitos da mesma escuridão que antecede e precede os flashes e que se movem em espantosa sincronia. Me delicio naquele espaço, sem medo de ser vista pelo outro ou por mim. O clique-clique da lanterna pontua com gatilhos a paisagem sonora. Começo a tocar notas esparsas em um piano preparado. Ouço notas que são interrompidas pela minha respiração. Agora, além do corpo visto em flashes outra imagem se forma no tempo-espaço virtual do pensamento: a imagem do som. A alternância de acordes curtos e longos me carregam para as suspensões que duram muito tempo. Caio na nota aguda e me recupero no silêncio que não deve demorar. A mão direita toca, a esquerda dispara a lanterna. Os acionamentos coordenados das duas criam ritmos e um fluxo único que integra jatos de luz e gotas de som. Som-silêncio, on-offs, visível-invisível: fluxo de durações. Percebo raios luminosos. Sigo aquela mesma nota aguda que me fez cair quando sinto os jatos de luz esquentando o meu braço. Entre um flash e outro ela se aproxima de onde vem o som. A caça se inverte. Agora sou a presa. Quando sinto que está perto, tateio a escuridão com a ponta da lanterna apagada até toca-la. Em um súbito movimento, ela pega a lanterna e se asfalta, a lanterna está na minha mão e ilumina todo o espaço a minha volta. O próximo flash vem de um ponto inédito no espaço. Continuo cega. Os jatos de luz não se orientam mais pelo meu olhar. Agora o corpo olha o espaço. A lanterna é uma extensão do corpo que dança. Os meus olhos não. Quem olha é o corpo da dançarina. A luz é dirigida pelo Umwelt do meu corpo. Vagalumes, rastros de luz erráticos que riscam o breu da sala como estrelas cadentes. Agora toco com as duas mãos. A música se intensifica. Crio contrapontos com os flashes e rastros, que vão ficando mais vertiginosos. Minha bacia, meu cotovelo, meus dedinhos dos pés, o topo da minha cabeça, meus joelhos, minha coxa, meu umbigo, meu queixo, minha clavícula, minha escápula, a parte de trás de minha batata da perna, minhas costelas, o maléolo medial direito, a tibia, meu esterno, o nariz, a vértebra dorsal, depois a lombar, a púbis, o punho, o dedo indicador da mão direita, a boca, as orelhas e os ombros olham o espaço. Não sei mais onde ela está. Com um movimento brusco a venda cai do meu rosto. Ela para. Paro bruscamente com a lanterna sobre o meu corpo. Paro de tocar. A música cessa. A pele do rosto passeia pela luz que, em um movimento contínuo, vai desaparecendo, como se entrasse dentro do corpo. No escuro total, acendo de novo as luzes da sala.

SÓCRATES - Mas quem é então o fino monstro tão flexível?

ERIXÍMACO - Rhodonia

SÓCRATES - De Rhodonia, o ouvido é maravilhosamente ligado ao tornozelo.

(VALÉRY, 1996, pg.25)



LINHAS NO ESCURO

*A visão é um desenvolvimento do tato: um fragmento da pele se tornou tão sensível que é o olho (...)
No combate com o espaço, que seja pela linguagem ou pela pintura, a visão dos olhos intervém
muito pouco. Tudo começa na escuridão, no trabalho subterrâneo do tato da língua.*

VALÈRE NOVARINA

Paralisia

O silêncio habitando a musculatura da alma infla os espaços internos do corpo, os brônquios, os alvéolos, os reservatórios ocultos nas articulações, nas juntas, nas dobras.

Como suportar a escuridão? Desde pequena sempre tive medo do escuro.

Na escuridão meu pulso acelera, tato com os pés, com as mãos, com os olhos não vejo nada. Escuto o silêncio e mergulho no meu corpo cheio, cheio de tanto. Aos poucos me esvazio. Me preencho do silêncio, danço com a minha solidão. Minhas mãos deslizam nos meus pés, os pés acariciam a pele do chão, as partes se encontram e se divertem delas mesmas. Sinto medo da imensidão de preto que me envolve e na tentativa de me deslocar desequilíbrio. Os meus pés viram garras e minhas mãos antenas pontudas no equilíbrio precário do meu corpo que (des)posa no espaço.

Está inteira em seus olhos fechados, e sozinha com sua alma, no seio de alguma íntima atenção... Ela se sente transformar em algum acontecimento. (...) Instante absolutamente virgem. E depois, instante em que algo deve se romper na alma, na espera, na reunião. .. Algo se romper... E contudo, é como uma fusão. (VALÉRY, 1996)

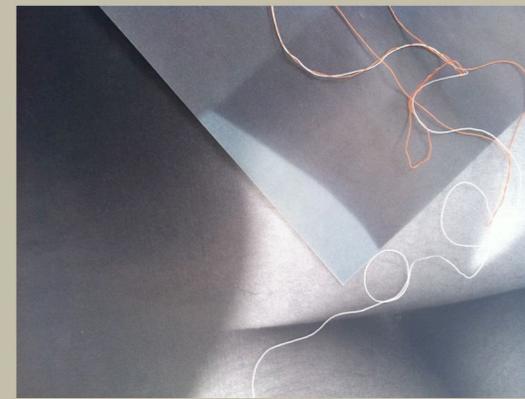
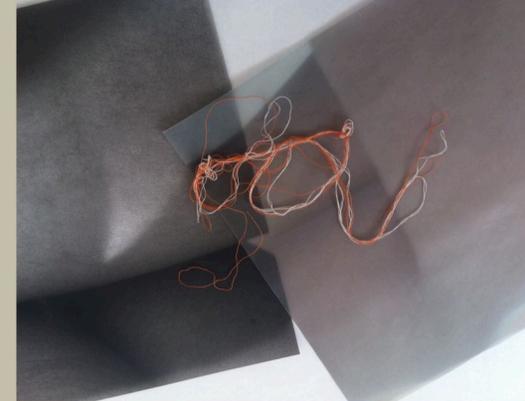
Coloco vendas nos meus olhos e deito. Na escuridão do corpo, pousado no chão, derramo a cera da carne, sou pele, sou osso, sou chão.

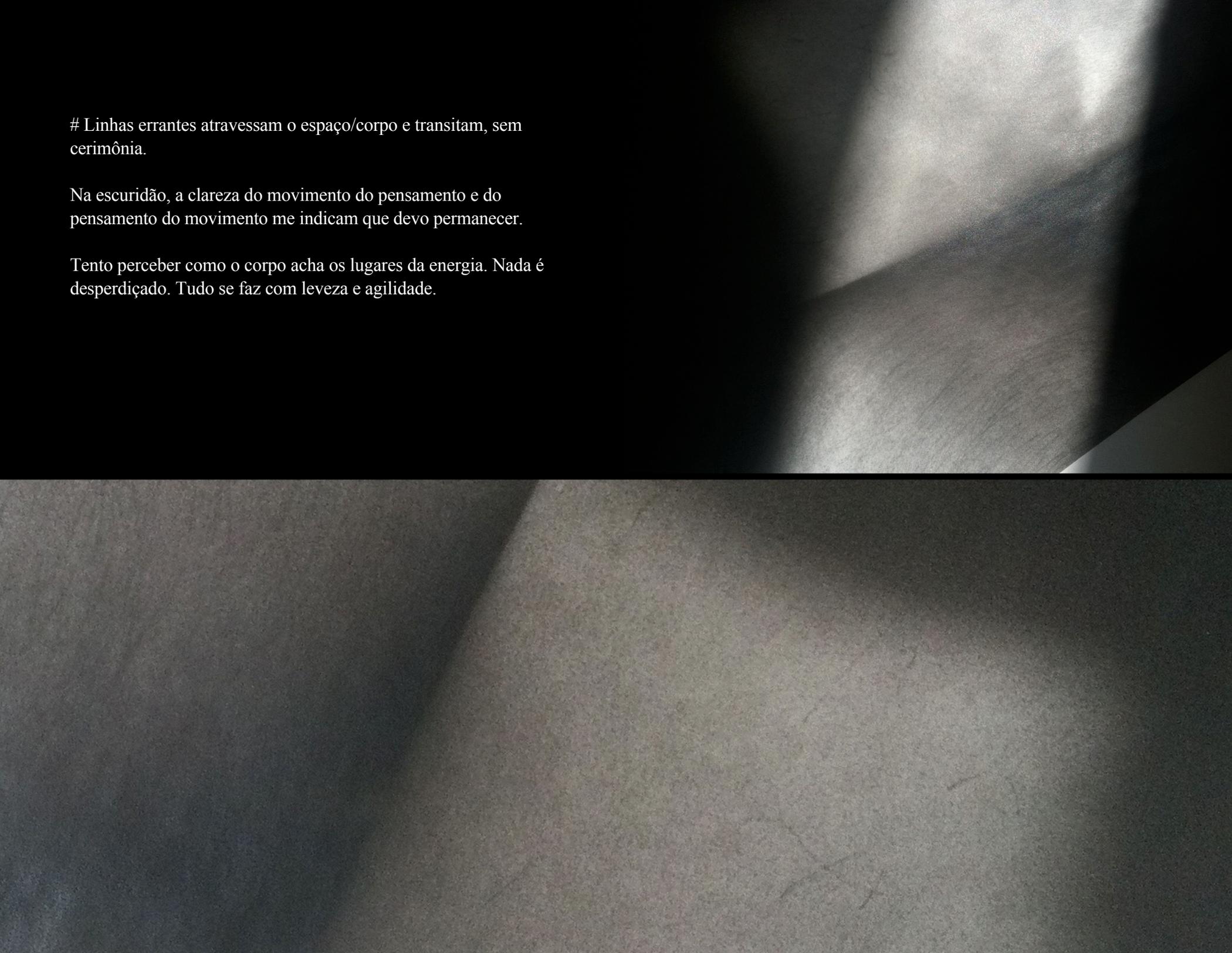
A sensação de peso me toma, minhas entranhas derramam o líquido que me resta, minha bacia desmonta. Plenitude. Entrega. Solidão. O vácuo daquele corpo, que, paradoxalmente não é mais meu e nunca foi tanto meu, preenche e transborda no silêncio uma forma de espaço. Esse estado de corpo que de tão lento parecia infinito.

Tudo está tão dentro de mim que não consigo ver. Será que preciso ver para entender?

A investigação do corpo não se inicia de olhos abertos...

Quando fecho os olhos o mundo se amplia e as margens se quebram. Corpo e espaço se misturam. As distâncias entre as partes do corpo se alteram e toda a superfície que supostamente separa o meu corpo do espaço, se faz porosa. A pele vira espaço e o espaço, pele. Dessa liberdade elaboro cada gesto com a delicadeza de quem carrega um bebê pela primeira vez.





Linhas errantes atravessam o espaço/corpo e transitam, sem cerimônia.

Na escuridão, a clareza do movimento do pensamento e do pensamento do movimento me indicam que devo permanecer.

Tento perceber como o corpo acha os lugares da energia. Nada é desperdiçado. Tudo se faz com leveza e agilidade.

LINHAS NO CLARO

Louis de Funès dizia: “O espaço te espaça – o espaço é um verbo – e ele espaça as coisas diante de nós, à nossa volta e sobre nós, diante e em volta de nós e em toda parte. O espaço atua”.

VALÈRE NOVARINA

A escrita no espaço vai além do espaço, um rastro saiu do corpo e foi para o espaço.
Olho a maçaneta, sua arquitetura, desenho-a com o joelho e depois lanço para fora como um cometa.

Sinto o quadrado da sala no meu umbigo. As retas me tomam e fabrico arestas nas minhas vísceras. Sou toda quadrado. Sua retidão me leva ao espaço vazio daquela sala branca, de paredes lisas e chão encerado. Voo na quadritude de enquadrar o corpo no quadrado. Os movimentos que saltam são pequenos, quadradinhos, bem afiados com tessitura de reteza. Caio na vertical em uma velocidade sem igual e esbarro no canto da sala. Deslizo na mais lisa superfície, varro o meu corpo como uma plaina, achatada. Entro, recorto o espaço sem direção. Subo lentamente na estreiteza do corpo sem esbarrar na pele do espaço. Gestos nascem quando chego no alto e toda a forma está ali: linhas retas se complementam e dividem a sala como um jogo de xadrez.

Uma espiral percorre o corpo. Círculos entram e saem. A linha enrosca no pé perfura o tornozelo, vaza pelo maléolo e costura o corpo de fora. Linhas finas se enlaçam e entrelaçam o corpo, envolvendo-o, perfurando-o, e, como um tufão, laçam o espaço em uma forma dançante.

LINHAS DE CONTORNO

Esse corpo exercita-se em todas as suas partes, e se combina consigo mesmo, e dá forma depois de forma, e sai sem cessar de si! Ei-lo enfim nesse estado comparável ao da chama, em meio às trocas mais ativas... Não se pode mais falar de “movimento”... Não se distingue mais entre os atos e seus membros...

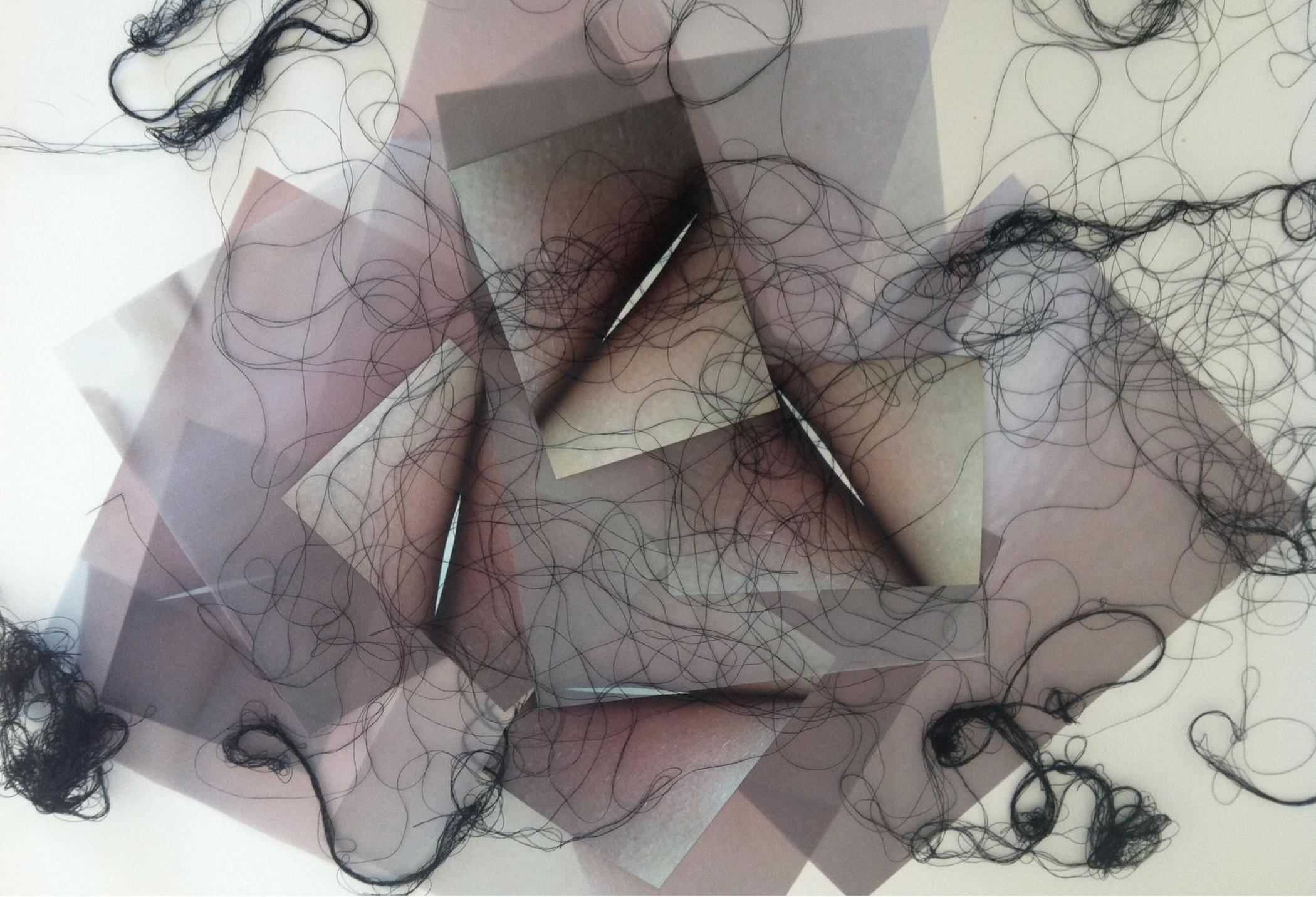
PAUL VALÉRY

O corpo contornado: a pele como uma topografia em transformação

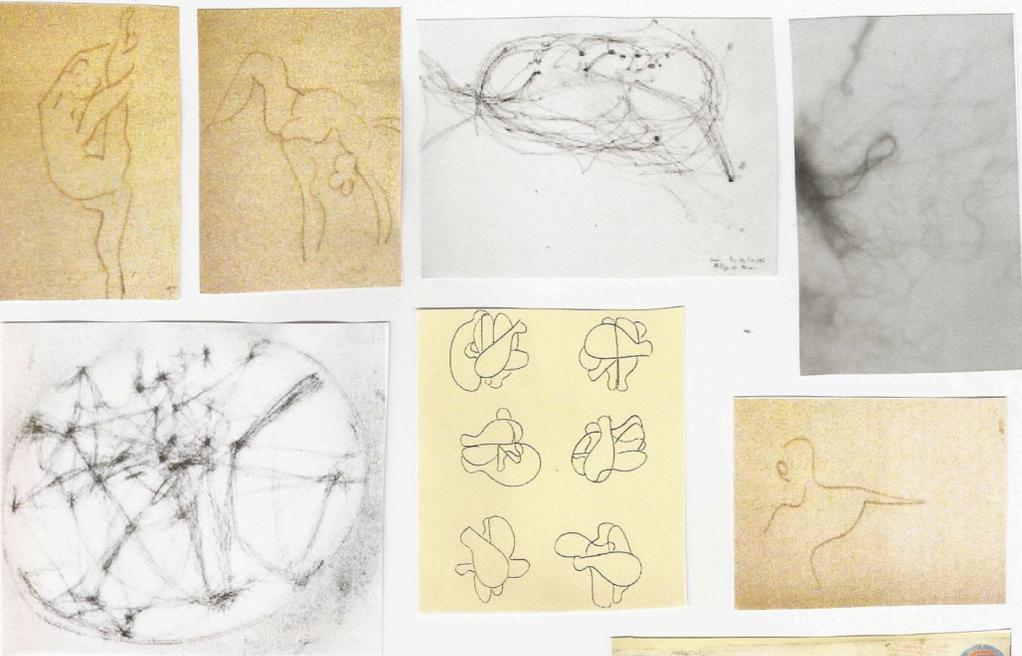
Imagino o contorno, ativo-o pelo toque da bolinha no corpo. As pequenas curvas, as pontas, paisagens do corpo, o continente pele se transformando

Relevos desenhados no pensamento estilhaçam as formas duras em um movimento intempestivo. Uma geografia de limites vivos abre fendas para abismos

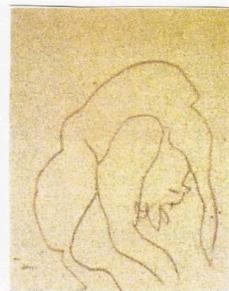
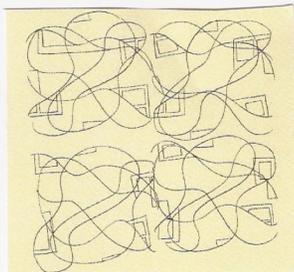
Figuras se alinham nas dobras da pele e, por uma metamorfose do pensamento, se desalinham: a bacia está no pé e o pé na bacia. Todas as partes se deslocam com a delicadeza do pouso de uma borboleta. Depois, a bacia foi para o joelho e as partes desformaram outras imagens. A linha da pele é livre, como um rabisco indefinido, sem fim. As partes ganham a sua autonomia e, todas, igual preponderância. As linhas do contorno são invisíveis e, no entanto, imprimem na pele a instabilidade de uma forma à procura de sua existência. Penso nessa topografia como um organismo vivo que se abre para a flecha do tempo e se lança na vertigem da alma



*Pranchas mnemônicas
inspiradas em Aby Warburg*



No XIX lemos o nosso corpo concebido
 como a ciência do espírito hoje!
 O velho ditame que propõe um
 outro relato de outras interpretações de
 uma relação de poderes
 Não é de forças → poderes nos
 do lado de uma interioridade parol
 na mas em sujeito histórico
 não um conceito epistemológico
 e
 mas um conceito formal que
 de ordem do decaer
 por a generaliza
 result → a partir do último século
 l de forças - conhecimento analítico
 alongo com Benjamin
 realidade e um espaço lógico
 estrutur com os seus gestos



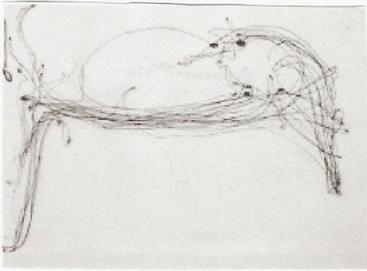
Uma dança de imagens



festividade com duplos signifi-
 cação - onde a memória se manifesta
 No movimento de um período que a
 gente ignora

O gesto repetitivo, aleatório - fazer
 reconhecer a imagem - assim atra-
 vés dos gestos múltiplas significadas
 espaços líquidos - contaminação

- Henri Matisse bailarina acrobata
- Henri Matisse bailarina acrobata
- Cartografia de Fernand Deligny
- Corpo imaginado a vol d'oiseau
- Cartografia de Fernand Deligny
- Trisha Brown Intitled
- Henri Matisse bailarina acrobata
- Caderno pessoal de anotação das aulas
- Trisha Brown Intitled
- Henri Matisse bailarina acrobata
- Mapa mundi de Fra Mauro
- Corpo imaginado a vol d'oiseau
- Caderno pessoal de anotação das aulas

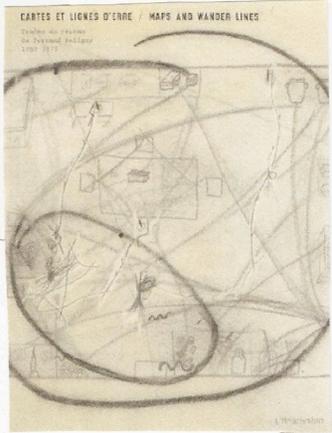
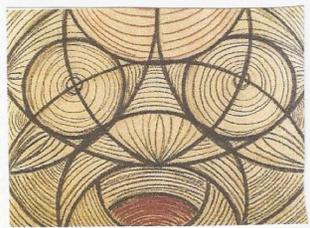


Erren: a palavra
me veio. Ele fa-
la um pouco de
tudo, como to-
das as palavras;

Trata-se de uma
"maneira de aresi-
car, de caminhar",
dig o dicionário.



Palavra forte, rica, como
se vê, que fala de mar-
cha e que recebe outros
ecos: "Erren: se des-
pojar da verdade... ir
de um lado ao outro, ao
acaso de forma aventu-
reira". J. Roussieu já
disse: "viajar por viajar
é errar, ser vagabundo".



Cartografia de Fernand Deligny
Citação: DELIGNY, 2007, P. 811
Henri Matisse bailarina acrobata
Mapa de seda de Han Mawangdui ocidental
Corpo imaginado a vol d'oiseau
Nijinsky figuras geométricas
Cartografia de Fernand Deligny
Nijinsky Bailarina
Caderno pessoal de anotação das aulas

"Monologia dos intervalos"

IMAGEM-FORMA

IMAGEM-REPRESENTAÇÃO

imagens identitárias
representativas (que precisam
de muitas palavras)

Interim Antropológico
só existe a pattoforma
quando se tem
uma dupla representação

Para Warburg a própria imagem é o olhar
de quem olha e o que nos olha no IMAGEM é o homem

Pathosformel
anacrônico

imagens - relação anacrô-
nica
formula de Pathos -
(Pathosformel)

Notas:

* Depoimentos pessoais recolhidos a partir de experimentos realizados com as alunas Camilla Drummond, Hágata Viana, Janine Messina, Marina Pachecco e Renata Azevedo, de maio à setembro de 2011, no projeto de pesquisa “A poética do fluxo” (projeto de extensão que desenvolvo dentro do Departamento de Arte Corporal da EEFD/UFRJ).

** Descrição ficcional decorrente do cruzamento da minha percepção como dançarina com a do músico Tato Taborda, expostos na sua dupla perspectiva de uma mesma cena no experimento O visível e o invisível feito ao longo da pesquisa da dissertação.

*** Termo utilizado por Jorge Luis Borges em “O Aleph”, do latim “tanto em tão pouco”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. O Ar e os sonhos, Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- BAVCAR, Evgen. O Corpo, Espelho Partido da História. In: Novais, Adalberto (Org.) O homem-máquina. A ciência manipula o corpo. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- BORGES, Jorge Luis. Obras completas - volume 1. São Paulo : Globo, 1999.
- DELIGNY, Fernand. OEuvres. éditions établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo, Paris, éd. L'Arachnéen, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente – História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado por uma filosofia do design e da comunicação. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GIL, José. Movimento total: o corpo e a dança. Tradução: Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores, 2001.
- MICHAUD, Philippe-Alain. Aby Warburg e a imagem em movimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- NOVARINA, Valère. Carta aos atores e Para Louis de Funès. Tradução Angela Leite Lopes. 3ª edição, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- _____. Diante da palavra. Tradução Ângela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.
- POISSON-COGEZ, Nathalie. Lignes D'erre - Les cartes de Fernand Deligny. LNA#60 / l'art et la manière, 2012.
- VALÉRY, Paul. A Alma e a Dança e outros diálogos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- _____. Degas Dança Desenho. São Paulo: cosac Naify, 2012.
- VIANNA, Klaus; Carvalho, Marco Antonio de. A dança. São Paulo: Siciliano, 1990.

